

EFEITO VIRAL: UM ESTUDO SOBRE A INCIDÊNCIA DA VOZ NO CONTEXTO PANDÊMICO

Arthur Marques de Oliveira¹

¹ *Mestrando em Estudos da Linguagem pelo PPGLET (Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS) e Graduando em Licenciatura em Letras - PT/EN pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Orientador: Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores*

Resumo: A proposta do presente artigo é discutir, a partir de uma perspectiva enunciativa e antropológica sobre a incidência da voz na sociedade através dos estudos de língua e linguagem. Este trabalho, em especial, abarca a relação da sociedade no contexto atual (pandêmico) com as seguintes esferas: linguagem, homem, língua e voz. Em suma, argumenta-se uma perspectiva teórico-enunciativa que trata dos efeitos do distanciamento social em tempos de Coronavírus e o resgate da incidência da voz nas relações entre os sujeitos na/da sociedade.

Palavras-chave: Voz; Teoria da Enunciação; Antropologia da Enunciação; Linguística; Pandemia.

INTRODUÇÃO

Este texto tem como objetivo refletir sobre o resgate da voz em tempos de distanciamento social por conta do Coronavírus (COVID-19). A motivação para este trabalho advém da leitura do livro *Problemas gerais de linguística*, de Flores (2019), de algumas

reflexões da palestra intitulada “Linguagem e sociedade em tempos de isolamento”, apresentada por Rajagopalan em maio de 2020 e da conferência de Flores, “A Linguística como reflexão antropológica: a linguagem, as línguas e o falante”, concedida em junho de 2020. Ambas as exposições fazem parte do evento virtual Abralin ao Vivo, organizado pela Associação Brasileira de Linguística (Abrialin), em cooperação com o Comité International Permanent des Linguistes (CIPL), a Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL), a Sociedad Argentina de Estudios Lingüísticos (SAEL) e a Linguistic Society of America (LSA). Dessa forma, os diferentes comportamentos por conta do distanciamento social e o contexto pandêmico (viral e político) instaurado no Brasil desde março de 2020 fazem parte do cenário deste trabalho. Observa-se que o distanciamento social fez com que as pessoas ficassem afastadas fisicamente uma das outras para evitar a disseminação do vírus.

Tendo isso em mente, para se manterem/fazerem presente, as pessoas passaram a fazer maior uso de ligações telefônicas e, por consequência, mais uso da voz (RAJAGOLAPAN, 2020). Cabe salientar que, no contexto pré-pandemia, as pessoas estavam mais propensas ao uso de mensagem de textos e/ou imagens e *gifs* para se comunicarem. Esse fenômeno se torna algo importante a ser explorado dentro dos estudos linguísticos, pois é devido a uma mudança (abrupta) na sociedade que o sujeito reconfigura seus mecanismos de enunciar e se fazer presente.

A voz é objeto deste texto por dois motivos: o primeiro, mais geral; o segundo, mais específico: i) acredito no potencial e na importância e incidência da voz para existência humana e ii) durante muitas décadas, o estudo da voz pela linguística ficou em *stand-by*. Todavia, essa prática de ‘ausência do estudo da voz’, de acordo com Parret (2002), foi uma condição necessária à fundação da Linguística, em especial a Linguística Estrutural, pois a voz é, em sua essência, qualitativa e temporalizada, não podendo, assim,

estar próxima das teorias e pensamentos da época, que possuíam um viés fortemente quantitativo e até lógico-matemático.

Refletir sobre o lugar que a voz passou a ocupar durante o período de pandemia é algo importante, visto que a voz carrega consigo diferentes formas de ser e significar. Dito isso, cabe salientar que, de acordo com Meschonnic (1982) *apud* Silva e Milano (2013: 02), “[o]s gestos, o ritmo, a mímica, a entonação não estão no signo, mas no sujeito”; mostrando que a voz não pode ser colocada distante da linguagem e do homem. Menciona-se, aqui, para corroborar esse ponto de vista, Benveniste (2005: 285, grifos meus), que diz:

não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a e que ***“não atingimos nunca o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem.***

Com base nisso, é possível ver, na primeira citação, que a linguagem está ligada ao homem quase que de forma intrínseca, tanto pelo fato de ser fundamental para comunicação quanto para a expressão. Na segunda passagem, o destaque está na questão de o humano ter essa necessidade de falar e se comunicar para poder, então, ser definido, pela linguagem, como homem.

Exposto o quadro acima, o texto encontra-se dividido da seguinte maneira: como ponto de partida, será feita uma breve contextualização que será terreno fértil para tratar sobre o resgate e o poder da voz, explorando alguns filósofos e linguistas como Benveniste (2005, 2006), Agamben (2008), Flores (2015, 2018, 2019) e Rajagopalan (2020), com vistas a evocar pensamentos sobre a importância social e linguística da voz. Em seguida,

disserta-se sobre o lugar que o homem e a voz ocupam nas relações entre língua, sociedade e linguagem, a incidência da voz na condição humana da linguagem e o modo como os indivíduos estão lidando com o distanciamento social e quais seus reflexos no cotidiano. Feito isso, será possível trazer uma análise enunciativa com um viés antropológico, buscando aferir a incidência e o resgate da voz. Por fim, alguns apontamentos sobre o tema da palavra soprada e como ele pode configurar diferentes cenários dentro da perspectiva da Teoria Enunciativa e da Linguística.

1 UM PENTÁGONO DE CONCEITOS: SOCIEDADE, LINGUAGEM, HOMEM, LÍNGUA E VOZ

A ciência, durante séculos, atravessando *A origem das espécies* de Charles Darwin (1979), encarregou-se de colocar o humano em diversas classificações, começando com *Homo habilis* e culminando (por enquanto) com *Homo sapiens*. Esses rótulos, respectivamente, partem de uma visão mais primária do homem, como, por exemplo, manusear e fazer uso de instrumentos de pedras, descoberta do fogo etc. Todavia, Flores (2019: 24) destaca que o filósofo italiano Giorgio Agamben mostra que, dentro dessas classificações, há espaço para o *Homo sapiens loquendi*, pois, de acordo com Agamben (2008: 14):

O homem não sabe simplesmente, nem simplesmente fala, não é Homo sapiens (homem sábio) ou Homo loquens (o homem que fala), mas Homo sapiens loquendi (o homem que sabe como falar), homem que sabe e pode falar (e, por tanto, também não falar).

Diversas são as implicações possíveis do pensamento de Agamben. Uma delas é que a linguagem é intrínseca ao homem. Cita-se aqui Agamben (2008: 14): “A potência – ou o saber – é a faculdade especificamente humana [...]”. Isso significa que o homem, além de falar, sabe *como* falar, pois conhece as regras de

uso da linguagem, porque, em algum momento da evolução humana, os seres humanos começaram a elaborar práticas de transmissão da linguagem para aqueles que ainda não a possuíam, de modo que o humano também é aquele que transmite a linguagem. Dito isso, essa é a definição de homem que será tomada neste texto: um *Homo loquens* que pode escolher falar (ou não falar) e ainda necessita de outro homem (um interlocutor) para que se instaure o processo de enunciação e, conseqüentemente, linguagem e língua em exercício.

¹ Tendo em vista o texto proposto aqui, serei sucinto ao explicar a Teoria da Enunciação; a quem interessar saber mais sobre essa teoria e seus desdobramentos, recomenda-se a obra “Introdução à teoria enunciativa de Émile Benveniste” de Flores (2013).

Esse tipo de relação e necessidade de um interlocutor também é vista na Teoria da Enunciação de Émile Benveniste, que coloca o homem e tudo que o permeia no centro da discussão linguística, abarcando também a relação “eu-tu”¹ no conceito de enunciação. Nessa teoria, o indivíduo (eu), ao enunciar, faz uso de sua subjetividade (e passa a ser sujeito pelo discurso) e, assim, se comunica com o interlocutor (tu). Segundo Benveniste (2005: 288), a subjetividade é entendida como “[...] a capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’, e essa proposição como sujeito tem como condição a linguagem”.

Nessa conjuntura, é possível aprofundar a discussão sobre a relação entre voz e sociedade de modo que ambas perpassem o humano. O homem, enquanto ser social e gregário, faz uso da voz para se expressar; em outras palavras, é na enunciação – podendo ser via voz – que o homem se caracteriza como ser-sujeito. Ademais, tendo em vista uma perspectiva enunciativa, é possível pensar a voz como índice de subjetividade, pode deixar transparecer, no discurso, estados do ser: tristeza, alegria, raiva etc.

Os índices de subjetividade aos quais me refiro podem ser entendidos como sentimentos, pensamentos e emoções do humano. Esses índices também compõem a subjetividade dos sujeitos e

influenciam no momento de seu enunciar. Cabe, aqui, trazer a seguinte passagem:

Enquanto realização individual, a enunciação pode se definir, em relação à língua, como um processo de apropriação. O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro.

Benveniste (2006: 84)

Nesse sentido, ao falar em índices específicos, Benveniste abre o termo para outras formas de interpretação, pois, ao afirmar que “o locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos”, o linguista coloca a referência (não pessoa) como parte integrante da enunciação. Dentro disso, é pertinente relacionar também esses índices de subjetividade com a seguinte passagem:

subjetividade, concebida como algo que se constitui na relação com o mundo material e social, mundo este que só existe pela atividade humana. Subjetividade e objetividade se constituem uma à outra sem se confundir. A linguagem é mediação para a internalização da objetividade, permitindo a construção de sentidos pessoais que constituem a subjetividade.

Bock (2001: 23)

Tendo em vista o excerto acima, é viável assumir que a subjetividade é constituída por fatores no qual a forma que o sujeito se percebe está relacionada com as relações sociais que ele irá instaurar. Assim, esses índices de subjetividade expressam e fundamentam relações intersubjetivas, que se mesclam, enfim, à sociedade. Com isso, quando o *Homo loquens* escolhe falar, ele provoca dois movimentos no processo enunciativo: i) uso da voz

para se instaurar no discurso e passar de indivíduo a sujeito; ii) tomada do lugar de locutor (eu), se apropriando da língua (índices subjetivos e índices específicos) para formar um enunciado e incitar um alocutário (tu). Abaixo, apresenta-se um esquema que permite visualizar como esses dois movimentos se estruturam:

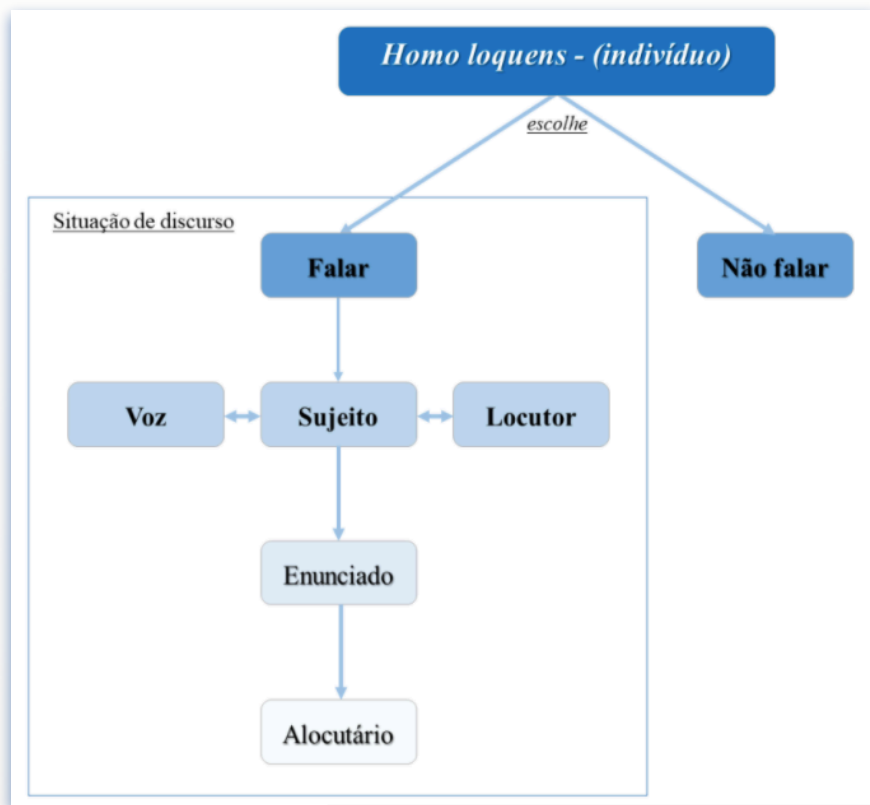


Figura 1 - Representação da escolha de fala do *Homo loquens*

Exposto isso e de acordo com Benveniste (2005: 288, itálicos do autor, negritos meus): “É na linguagem e pela linguagem que **o homem se constitui como sujeito**; porque só **a linguagem fundamenta na realidade**, na *sua* realidade que é a do ser [...]”.

É indubitável, então, que a linguagem é tomada como constitutiva do humano. No que se refere à língua, Benveniste (2005: 289) concorda com Saussure (1999) e complementa que, além da língua ser a parte social da linguagem, há nela valores sociais e históricos implicados, produzidos pela condição de discurso; ao utilizar a língua, o homem se apresenta como “eu”, em paralelo ao “tu”, estabelecendo uma relação intersubjetiva em meio à sociedade. O traço diferencial da língua para Benveniste diz respeito ao modo como a língua é pensada a partir do lugar da significação e em seu funcionamento. Somente a partir disso será possível compreender a língua como um funcionamento que é duplo, o que coloca a forma como correlato do sentido: o semiótico como correlato do semântico. Nesse ponto, ao observar linguisticamente a voz nas relações sociais, é favorável trazer uma passagem que abarca uma relação entre voz, língua e homem:

A única coisa que é real é o comportamento linguístico do indivíduo, cuja única manifestação explícita, concreta, é a cadeia sonora produzida, portanto uma série de sons que se sucedem no tempo e formam grupos mais ou menos complexos separados por respirações, pausas, paradas, silêncios. Todo resto, sobretudo o sentido e as regras que comandam a reunião dos elementos, é implícito escondido na inteligência e na memória dos falantes, fora de alcance imediato tanto do ouvinte quanto do observador.

Corbeil (2001: 177)

Passando pela observação de Agamben (2008) sobre o poder da escolha de fala do *Homo sapiens loquendi*, tomando as discussões apresentadas por Flores (2019) sobre o *Homo loquens* até a relação entre língua, homem e linguagem de Benveniste (2005, 2006), é significativo colocar que a voz possui um papel primordial na condição e constituição do humano, tanto para fins sociais quanto

para subjetivos. Alinho meu pensamento sobre voz ao de Silva e Milano (2013): “a voz como portadora de linguagem e a voz como marca entonacional pulsante apontam para voz como criadora de um lugar enunciativo do sujeito”. Dito isso, ainda é possível fazer uma ponte entre a voz aqui em questão e a linguagem por meio de Flores (2019: 42): “sempre que se encontra “a linguagem”, se encontra, reciprocamente, “as línguas” e “o falante” – a conjunção dos dois pontos acima –, condição complexa da qual se pode querer, ou não, saber, mas a qual não se pode ignorar”.

Essa incidência da voz na existência do homem abriu espaço para o surgimento de uma nova antropologia. Elaborada por Flores (2019: 258), a Antropologia da Enunciação é uma perspectiva que coloca o *Homo loquens* no cerne dos estudos da linguagem e que vê, na capacidade de fala do homem, uma fonte de saber (inesgotável) de natureza linguística. Nesse viés, uma Antropologia da Enunciação estuda fatos, fenômenos e, em especial, o que o falante diz de sua relação com esses fenômenos da/na língua.

Imerso nesse contexto, o próximo tópico irá abordar, em primeiro lugar, uma discussão sobre o conceito de voz, pois é algo importante tanto para Teoria da Enunciação quanto para Antropologia da Enunciação e precisa ser bem definida. Em seguida, discute-se o efeito da pandemia na presença da voz e sua maior difusão por parte dos falantes. É primordial abordar essa relação do falante falando da língua tendo em vista que, de acordo com Flores (2015: 91) a Antropologia da Enunciação trata o sujeito-falante como um etnógrafo da língua, quando fala da materialidade da própria língua. Citando, ainda, Flores (2015: 94): “A linguística do homem falante interessar-se-ia pelo que o homem diz da língua, sobre a língua, a respeito da língua. É tempo de dar lugar a essa etnografia. O falante é etnógrafo da própria língua”. Por fim, aborda-se o resgate da voz no lugar do uso da escrita nas relações/laços sociais durante o distanciamento social.

2 A VOZ E SUA INCIDÊNCIA

Para dar início a esta discussão sobre a incidência da voz, primeiramente seria interessante trazer algumas reflexões para definir o que é voz. Entretanto, discutir sobre isso não é uma tarefa banal, pois, ao falar nesse assunto, como será visto a seguir, o sentido e o estudo do sentido, na Linguística moderna, de acordo com Flores (2019: 247) e Benveniste (2005: 135), foi deixado de lado durante muitas décadas, mostrando, assim, um “calcanhar de Aquiles” dos estudos linguísticos.

Tendo em vista que a voz depreende sentido, cabe trazer aqui que o sentido fora abordado na obra *Parva Naturalia* de Aristóteles (*apud* PARRET, 2002, p. 26), corroborando que a voz, em sua relação com o ouvido, deve constituir certa harmonia ou proporção, já que toda impressão excessiva dos sons vocais anula o sentido da audição. Em outras palavras, pela perspectiva aristotélica, a voz humana, diferentemente do som animal, é sinfônica e semantizada, comportando, assim, algo de sentido.

Com base nisso, é possível verificar que o sentido se entranha na e pela voz, originando a existência do sentido no social. Finalizando a discussão sobre o sentido, observa-se:

“E, sendo a linguística uma autoridade em matéria de linguagem, não é fácil não ceder à tentação de ver a voz no escopo da linguística. Mas não de qualquer linguística: de uma linguística que inclua o Homo loquens em seu horizonte de possibilidades”.

Flores (2019: 250).

Desse modo, tendo dito que é preciso pensar no sentido ao refletir sobre a voz, que seja retomado o ponto da discussão: a importância e uso da voz em tempos de pandemia. A definição de voz adotada neste trabalho é a mesma apresentada por Bologna (1987: 58 *apud* Flores, 2019: 250): “Antes mesmo de ser suporte e o canal de transmissão das palavras através da linguagem, a voz é um

imperioso grito de presença”. Ou seja, é por meio desse grito imperioso que o indivíduo usa sua voz para se instaurar e se fazer presente na sociedade e em suas relações.

Postulada a incidência da voz (e do sentido), cabe aqui pensar que, por conta da pandemia mundial do Coronavírus, as pessoas estão deixando de estar fisicamente juntas, e por isso, círculos e laços sociais se tornam mais “frágeis”. Assim, o uso de aplicativos de mensagens e ligações telefônicas está novamente em voga, de acordo com algumas notícias que surgiram na mídia: a) “A pandemia e a volta dos alô por telefone”, de Rosa (2020), da revista *Época* e b) “O hábito de telefonar ressurge em meio à pandemia de Coronavírus”, de Vieira (2020), da revista *Veja*.

Ambas as notícias supracitadas mostram que as pessoas estão voltando a se falar mais e, por consequência, fazendo maior uso da voz. De acordo com Rosa (2020, n. p.): “Na visão de psicólogos, isso pode ser explicado pelo fato de que, ao longo de nossa evolução, aqueles que enfrentaram períodos de dificuldade em grupo tiveram mais chances de sobreviver”. Observa-se, então, uma característica sociável, que é natural ao ser humano.

Em concordância com Flores (2019:269), “O *Homo loquens* é constituído na linguagem, e sua natureza é feita de linguagem. Ele é sujeito por ser falante, um sujeito falante. O importante a destacar nesse fenômeno é essa necessidade de evocar a voz e manter vivos os laços sociais, tornado a voz um instrumento fundamental para a socialização; o que, de acordo com a paleoantropóloga Leslie C. Aiello e antropólogo Robin Dunbar (1993), é a principal diferença entre o ser humano e os outros seres gregários: além de criar laços sociais, nós os mantemos.

Diante do exposto, é viável apresentar uma análise da realidade dos sujeitos e indivíduos na sociedade para gerar melhor entendimento de como a voz pode, de fato, manter e criar laços em suas relações, além de suplantarem presenças. A seguir, serão apresentados alguns princípios metodológicos para a análise e, em seguida, o fenômeno que será analisado.

3 PRINCÍPIOS DE ANÁLISE

As análises terão como base o trabalho de Flores (2015, 2018 e 2019) que trata do estudo da voz na “palavra cantada” e analisa comentários feitos por cantores sobre a voz de outros cantores. Contudo, neste texto, será utilizada uma tratativa diferente, pois, além dos enunciados transcritos a seguir não se configurarem como “palavra cantada”, no presente trabalho, há, como pano de fundo, o contexto de pandemia e de distanciamento social.

Em outras palavras, serão analisados comentários de falantes falando sobre como o contexto pandêmico fez com que eles percebessem que, através da voz, ainda é possível se fazer presente, mesmo que não fisicamente. Posto isso, corrobora-se a importância de se pesquisar sobre o sentido que a voz depreende para além do comunicar via Flores (2019: 270, grifos meus): por meio da seguinte citação: “A materialidade da voz se impõe e exige ser comentada, o que é sempre insuficiente; **as palavras apenas registram o que da voz excede, para além ou para quem**”.

Assim, a Antropologia da Enunciação toma por objeto os comentários que o falante faz sobre a língua, munidos criticamente (ou não) pela propriedade metalinguística da linguagem. Flores chama esse nível de percepção revelado pelos comentários de contorno de sentido, que depreendem um saber sobre a língua:

Para que fique bem claro: o contorno de sentido é algo que o falante faz sobre uma unidade que é localizada pelo falante como tal. Não interessa se isso corresponderia, ou não, à verdade científica. O que está em questão é o saber que o falante articula. Em outras palavras: o falante pode produzir uma interpretação sobre um elemento X que, na verdade, em um exame acurado, não estaria implicado no que está sendo dito. O contorno de sentido situa o homem na sua condição de falante, interlocutiva em sua essência

Dito isso, serão analisados dois vídeos: o primeiro de 3 minutos e 32 segundos, uma reportagem do grupo RBS, afiliada da Rede Globo de Comunicação. O segundo vídeo é uma reportagem com duração de 3 minutos e 26 segundos feita pela emissora TV Diário na cidade de Mogi das Cruzes/SP, também afiliada da Rede Globo de Comunicação.

O primeiro vídeo faz parte da série de reportagens #JuntosContraOVírus, que abarca os diferentes reflexos (principalmente sociais e econômicos) da pandemia no estado do Rio Grande do Sul. A reportagem foi exibida no dia 24 de junho de 2020 no programa *Jornal do Almoço*.

Durante o programa, a âncora do jornal contextualiza a reportagem falando sobre as dificuldades do distanciamento em tempo de pandemia e como existem diferentes tipos de consequências. A reportagem retrata a realidade que assola diversos idosos no município de Nova Prata/RS: no contexto da pandemia de Covid-19, os idosos se encontram sozinhos, pois, de acordo com Organização Mundial da Saúde (OMS), os idosos são mais vulneráveis ao vírus e não podem sair de suas residências e tampouco receber visitas de seus familiares. Pensando nisso, a Organização não Governamental (ONG) Parceiros Voluntários criou o projeto OUVIR, em que jovens voluntários entram em contato com esses idosos diariamente para conversar por ligação telefônica, tendo como objetivo diminuir o impacto de distanciamento social e mostrar para os idosos que, por mais que as pessoas estejam distanciadas (fisicamente), não é necessário que elas fiquem distantes (socialmente).

O segundo vídeo foi exibido no jornal local da cidade de Mogi das Cruzes. Os âncoras começam o programa falando sobre o aumento (cerca de 70%) em ligações para o Centro de Valorização da Vida (CVV). Esse aumento nas ligações, de acordo com um dos

voluntários do CVV, está relacionado, principalmente, ao fato das pessoas estarem distantes fisicamente.

4 ANÁLISE

4.1 primeiro vídeo

Tendo como base a metodologia proposta por Flores (2019) e instituída a diferença dos dados explicitada acima, serão transcritos os depoimentos de um voluntário (A) e um idoso beneficiário (B) do projeto.

Depoimento A (1 min e 48 s.)	Depoimento B (2 min. 34 s.)
Agora cada dia que eu falo com ela eu me sinto mais realizada ainda, por que eu sinto que ela precisa de alguém, para ouvir ou talvez para dar um recadinho legal pra ela. E nesse momento de pandemia ficou ainda melhor pra mim e pra ela.	Eu estou passando por uma situação difícil, com depressão. Tô rodeada de vizinhos e tem dias que não tem um que olha pra mim, essa mensagem eu tô esperando todo dia. Eu espero assim sabe, ansiosa, esperando ela chegar e dizer: “Bom dia, dona Romilda, tudo bem?”. É um alívio, é um carinho, é uma demonstração de amor, eu tô muito feliz por isso. Dos dez minutos ali, que a gente fica ali conversando, me dá uma paz, uma tranquilidade, saber que ela não me conhece eu, eu não conheço ela e ela tirou um pouquinho do tempo dela pra dedicar pra mim, é muito importante.

Quadro 1 - Depoimentos do primeiro vídeo

Analisando os relatos dos falantes sobre esse fenômeno da voz ao telefone estando imersos em um cenário pandêmico, é interessante deduzir que esses depoimentos que comentam sobre a voz servem como uma forma de corroborar seu uso e indissociabilidade do *Homo loquens*. Observa-se essa maior incidência na seguinte passagem do Depoimento A: “cada dia que eu falo com ela eu me sinto mais realizada ainda, por que eu sinto que ela precisa de alguém, para ouvir ou talvez para dar um recadinho legal pra ela”.

Da mesma forma, é possível notar, no Depoimento B, especificamente no trecho em que o beneficiário diz que “Dos dez minutos ali, que a gente fica ali conversando, me dá uma paz, uma tranquilidade, saber que ela não me conhece eu, eu não conheço ela e ela tirou um pouquinho do tempo dela pra dedicar pra mim, é muito importante”, que o fato da pessoa estar se colocar presente e se instituir como sujeito, no discurso (via voz), em suas ligações telefônicas, expressa a relevância que a voz possui no movimento de aproximação dos sujeitos no âmbito linguístico e indivíduos no social nas relações interlocutivas.

4.2 segundo vídeo

Para o segundo vídeo, foi transcrito o depoimento de um voluntário (C) do CVV sobre a importância do falar. A repórter faz o seguinte questionamento para pessoa: “Até um dos slogans de vocês é ‘como vai você?’, né, porque é importante, até num momento como esse, de isolamento, que ajuda na reflexão de vários momentos da nossa vida, falar, não guardar para gente, não é mesmo?”.

No que tange ao segundo vídeo e ao Depoimento C, principalmente no seguinte trecho: “A gente acredita que quando a pessoa fala, quando ela põe para fora aquilo que está perturbando ela, (...) desencadeiam uma parte emocional nessa pessoa né”, percebe-se que, ao falar em desencadear uma parte emocional, é plausível fazer uma relação com os índices de subjetividade.

Como visto acima, o aparelho formal é um compêndio de mecanismos e situações em que a enunciação toma forma e sentido na prática social da linguagem. Pensando nisso e tendo dito que a voz depreende sentido, pode-se presumir que o movimento do ser falante se fazer presente nas situações de discurso, expressando emoções, sentimentos e subjetividade, também via voz, pode vir a configurar um aparelho informal da enunciação. Dessarte, é plausível pressupor que o aparelho informal esteja e seja estruturado antes do formal, estando relacionado com a movimentação e aporte dos índices de subjetividade mais próximos da expressão de emoções e dessa questão inerente ao humano de criar e manter vínculos.

Depoimento C (2 min e 22 s.)

A gente sente que, por causa desse isolamento e por causa dessa doença, as pessoas sentem mais vontade de falar, de conversar. A gente acredita que, quando a pessoa fala, quando ela põe pra fora aquilo que está perturbando ela, não só essa questão do vírus, tem o vírus, tem o fator econômico, tem vários fatores, né, que desencadeiam uma parte emocional nessa pessoa, né, e quando a gente tá segurando isso e não ter alguém para dividir, então vai se tornando aquela história do copinho que vai enchendo, então, nesse momento, é importante falar com outros órgãos, famílias e amigos dentro de casa.

Quadro 2 - Depoimentos do segundo vídeo

Com isso em mente, é por meio desse aparelho informal que processos subjetivos e emocionais permitem a constituição do humano, sobretudo pelos vínculos que são capazes de estabelecer. Em outras palavras, esse aparelho informal venha antes do formal. O aparelho formal, de acordo com Toldo (2018: 432), é aquele que

o locutor constrói a cada vez que se enuncia, a cada vez que constrói (novos) sentidos.

Dito isso, em ambas as reportagens pode-se ver que é na proibição da aproximação física que emerge esse resgate, essa restituição do uso da voz alocando uma categoria de presença.

*A categoria da **presença** diz respeito, de um lado, ao preenchimento do vazio constitutivo que há em cada elemento da língua e, de outro lado, as relações ocultas (**caché**) que o locutor estabelece entre cada elemento. Se não fosse assim, não haveria como falar uma língua que, sabidamente, é de todos os falantes, uma vez que não basta repetir a língua; há que repeti-la fazendo-se **presente** em seu interior. Os termos dessa **presença** não deixam de evocar as filiações possíveis de cada locutor.*

Flores (2019: 107, grifos do autor)

Levando isso em consideração, a voz evidencia a necessidade da categoria de presença constitutiva, tornando-a um índice de presença, pois, mesmo que os sujeitos não estejam interagindo fisicamente, ainda há uma relação interlocutiva, ansiando a presença tanto de um locutor “eu” quanto de um alocutário “tu”. Isso também pode ser corroborado a partir da seguinte passagem de Flores (2019: 107, grifos do autor): “Entendo que o locutor se faz *presente* pelo que torna, ou não, aparente, em seu discurso. Ou seja, o locutor se faz *presente* pelas relações explícitas e não explícitas.”.

5 PALAVRAS FINAIS

Imerso nesse cenário, é admissível pensar que a voz pode ser um dos instrumentos que mantém de forma mais eficaz os laços sociais entre os sujeitos. É possível ir um pouco além e formular alguns questionamentos, como: por qual motivo a palavra escrita ficou em segundo plano? Poderá a voz comunicar mais do que a

escrita? Qual a relação da voz com a existência humana? Obviamente, esses são questionamentos que podem ser explorados em futuras pesquisas.

Por hora, é factível pensar que é no enunciado via voz que a presença se apresenta fazendo uso da situação de discurso e da enunciação, deixando perceptível a real presença do falante. Sob esse ângulo, é indubitável que a voz evoca a necessidade da presença do falante na língua e é ao enunciar, via voz, que o falante se faz presente social e subjetivamente.

Coincidente com o título deste trabalho, fora proposto neste texto fazer um “estudo sobre a incidência da palavra soprada”, no sentido de tentar incitar discussões sobre o poder e a influência que a voz possui para/na sociedade e na linguagem. Então, este incessante discurso tem o intuito de estimular mais discernimentos sobre o lugar da voz nos pontos de vista sobre a linguagem e o humano. Observando isso, é pertinente trazer as palavras de Flores (2019: 331) para corroborar o fato de que o linguista deve escolher seu ponto de vista e de partida: “*o linguista pode – e deve – escolher um dado ponto de vista e, conseqüentemente, uma ancoragem no conhecimento positivo capaz de estudá-lo*”.

Desde que o homem existe, é pela voz que ele se expressa. E, mais que o suporte físico da linguagem verbal, o sentido e a presença apreendidos pela voz podem inclusive “transformar o sentido da mensagem verbal que carrega consigo” Matte (2002: 135). Nessa perspectiva, acredito que a sociedade e seus sujeitos usam a/da voz para se reinventar e dessa forma, sustentar sua evolução, tendo em vista o que Oliveira e Freisleben (2020: 04) vão chamar de “um futuro incerto para estes dois organismos: a língua e a sociedade”.

Assim, a voz significa subsistência, expressando a subjetividade dos indivíduos (eu) e seu identificar social para o reforço dos laços com outros (tu), tanto enunciativos quanto sociais. E, talvez, esteja aqui o poder da voz, esse movimento concomitante que significa, singulariza e socializa, abrindo espaço para que essa voz se

constitua como algo próprio do ser humano, adotando um caráter de reciprocidade e transitividade (Gray et al., 2014) que advém também da psique humana.

Referências

AIELLO, Leslie C.; DUNBAR, Robin I. M. *Neocortex size, group size and the evolution of language*. Current Anthropology. Londres, n. 34, 1993.

AGAMBEN, G. *Infância e história – Destruição da experiência e origem da história*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

A LINGUÍSTICA como reflexão antropológica: a linguagem, as línguas e o falante. Conferência apresentada por Valdir do Nascimento Flores [s.l., s.n], 2020. 1 vídeo (1h 45min 14s). Publicado pelo canal da Associação Brasileira de Linguística.

BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral I*. São Paulo: Pontes, 2005.

BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral II*. São Paulo: Pontes, 2006.

BOCK, A. M. B. (2001). *A psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. In: Bock, A. M. B; Gonçalves, M. G. G.; Furtado, O. (Orgs.). *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo: Cortez.

CORBEIL, J. C. *Elementos de uma teoria da regulação linguística*. Tradução de Marcos Bagno. In: BAGNO, M. (Org.). *Norma linguística*. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 175-201.

DARWIN, C. *A origem das espécies*. São Paulo: Hermus, 1979.

FLORES, V. *Problemas gerias de linguística*. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

FLORES, V. A voz como objeto de uma antropologia da enunciação. *Work. Pap. Linguíst.*, 19(2): 35-53, Florianópolis, ago./dez., 2018.

FLORES, V. O falante como etnógrafo da própria língua: uma antropologia da enunciação. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 50, n. esp. (supl.), s90-s95, dez. 2015.

GRAY, K., RAND, D. G., ERT, E., LEWIS, K., HERSHMAN, S., & NORTON, M. I. *The Emergence of “Us and Them” in 80 Lines of Code: Modeling Group Genesis in Homogeneous Populations*. Psychological Science, 2014.

LINGUAGEM e sociedade em tempos de isolamento. Conferência apresentada por Kanavillil Rajagopalan [s.l., s.n], 2020. 1 vídeo (1h 17min 59s). Publicado pelo canal da Associação Brasileira de Linguística.

MATTE, A. *Vozes e canções infantis brasileiras: emoções no tempo*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, 2002.

MATTOS, G. Voluntários criam projeto para ajudar idosos que estão sozinhos na pandemia. *Jornal do Almoço*. Porto Alegre, 24 de junho de 2020.

OLIVEIRA, A. M. DE; COLOMBO FREISLEBEN, L. Linguagem e sociedade: aproximações e distanciamentos em tempos de pandemia. *Revista da ABRALIN*, v. 19, n. 2, p. 1-4, 27 jun. 2020.

PARRET, H. *La voix et son temps*. Bruxelles: Éditions De Boeck Université, 2002.

ROSA, B. A pandemia e a volta dos alô por telefone. *Época*, São Paulo, 24, abril de 2020. Sociedade.

SILVA, C; MILANO, L. *O lugar da voz na aquisição da linguagem*. Lume, 2013.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. 25.ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

TOLDO, C. (2018). *O aparelho formal da enunciação: que aparelho é este?*. *Revista Desenredo*, 14(3), 424-434.

VIEIRA, M. O hábito de telefonar ressurge em meio à pandemia de Coronavírus. *Veja*, São Paulo, 01, maio de 2020. Tecnologia.

Abstract: *The aim of this article is discuss, from an enunciative and anthropological perspective the incidence of voice in society through language (social) and language studies. This work, in particular, covers the relationship of society in the current (pandemic) context with the following spheres: language, man, discourse and voice. In summary, this paper defends and use a theoretical-enunciative perspective to talks about the effects of social distance in times of Coronavirus and the rescue of the incidence of voice in the relationships between subjects in /from society.*

Keywords: *Voice; Enunciation Theory; Anthropology of Enunciation; Linguistics; Pandemic.*

Recebido em: 22/12/2020

Aceito em: 03/02/2021